

RITUAL DO BATISMO DE CRIANÇAS: RITOS DE ACOLHIDA. PERSPECTIVA TEOLÓGICO-LITÚRGICA

Getson Pereira da Silva

Mestre em Teologia Litúrgica pela *Pontificia Università della Santa Croce* de Roma, Itália.
Professor no Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília.
E-mail: getson.pereira@gmail.com

Resumo: Analisa os gestos e palavras que compõem os ritos de acolhida do Ritual de Batismo de Crianças preparado pela reforma litúrgica do Concílio Vaticano II na sua edição-tradução publicada pela Conferência Episcopal Brasileira. Escande os ritos de acolhida e oferece considerações extraídas da Sagrada Escritura, de fontes litúrgicas (outros livros litúrgicos, Padres da Igreja e autores eclesiais) e de documentos do magistério eclesial, que sirvam à catequese preparatória para a celebração, tendo por escopo uma participação consciente e ativa principalmente da parte dos pais e padrinhos. Pretende consciencializar pais e padrinhos de suas responsabilidades para com a criança no que concerne ao desenvolvimento da graça batismal. Ao ministro do sacramento, reclama conhecimento e fidelidade aos gestos e palavras propostos pelo livro litúrgico.

Palavras-chave: Batismo. Criança. Ritos de acolhida. Celebração. Catequese.

Abstract: It analyzes the gestures and words that make up the reception rites of the Children's Baptism Ritual prepared by the liturgical reform of the Second Vatican Council in its edition-translation published by the Brazilian Episcopal Conference. It scales the reception rites and offers considerations drawn from Sacred Scripture, from liturgical sources (other liturgical books, Fathers of the Church and ecclesiastical authors) and from documents of the ecclesiastical magisterium, which serve the preparatory catechesis for

the celebration, having in scope a conscious participation and active mainly on the part of parents and godparents. It seeks to raise parents and godparents' awareness of their responsibilities to the child as it relates to the development of baptismal grace. To the minister of the sacrament, he demands knowledge and fidelity to the gestures and words proposed by the liturgical book.

Keywords: Baptism. Child. Rites of welcome. Celebration. Catechism.

Resumen: Analiza los gestos y palabras que componen los ritos de acogida del Ritual de Bautismo de Niños preparado por la reforma litúrgica del Concilio Vaticano II en su edición-traducción publicada por la Conferencia Episcopal Brasileña. Examina los ritos de acogida y ofrece consideraciones extraídas de la Sagrada Escritura, de fuentes litúrgicas (otros libros litúrgicos, Padres de la Iglesia y autores eclesiais) y de documentos del magisterio eclesial, que sirvan para la catequesis preparatoria para la celebración, teniendo como objetivo una participación consciente y activa principalmente por parte de los padres y padrinos. Pretende concientizar a padres y padrinos de sus responsabilidades para con los niños en lo que concierne al desarrollo de la gracia bautismal. Al ministro del sacramento reclama conocimiento y fidelidad a los gestos y palabras propuestos por el libro litúrgico.

Palabras clave: Bautismo. Niño. Ritos de acogida. Celebración. Catequesis.

Sommario: Analizza i gesti e parole che compongono i riti di accoglienza del Rito del Battesimo dei Bambini preparato dalla riforma liturgica del Concilio Vaticano II nella sua edizione-traduzione pubblicata dalla Conferenza Episcopale Brasiliana. Esamina i riti di accoglienza e offre considerazioni ricavate dalla Sacra Scrittura, da fonti liturgiche (altri libri liturgici, Padri da Chiesa e autori ecclesiastici) e da documenti del magistero ecclesiastico, da utilizzare nelle catechesi preparatorie per la celebrazione, per il raggiungimento di una partecipazione consapevole e attiva, principalmente da parte dei genitori e padrini. Pretende rendere consapevoli i genitori e i padrini delle loro responsabilità nei confronti dei bambini per quanto riguarda allo sviluppo della grazia battesimale. Chiede ai ministri del sacramento la conoscenza e fedeltà ai gesti e parole proposti dal libro liturgico.

Parole chiave: Battesimo. Bambini. Riti di accoglienza. Celebrazione. Catechesi.

Résumé: Analyse les gestes et les mots qui composent les rites d'accueil du Rituel du Baptême des Enfants préparé par la réforme liturgique du Concile Vatican II dans son édition-traduction publiée par la Conférence Épiscopale Brésilienne. Observe les rites d'accueil un par un et offre des considérations tirées de la Sainte Écriture, des sources liturgiques (autres livres liturgiques, Pères de l'Église et des auteurs ecclésiastiques) et des documents du magistère ecclésiastique, qui servent la catéchèse préparatoire pour la célébration, visant à une participation consciente et active des parents et des parrains. Il cherche à sensibiliser les parents et les parrains à leurs responsabilités envers l'enfant en ce qui concerne le développement de la grâce baptismale. Au ministre du sacrement, il exige la connaissance et la fidélité aux gestes et aux mots proposés par le livre liturgique.

Mots-clés: Baptême. Enfant. Rites d'accueil. Célébration. Catéchèse.

1. INTRODUÇÃO

A Constituição conciliar *Sacrosanctum concilium* sobre a sagrada liturgia estabeleceu que fosse preparado um rito do batismo de crianças adaptado a sua real condição, e que realçasse a parte dos deveres dos pais e padrinhos (cf. SC 67).

Foi a primeira vez na história da liturgia que se propôs preparar um rito de batismo para as crianças. O rito para o batismo de crianças contido no ritual de Paulo VI do ano 1614, utilizado até à reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, nada mais era do que um rito de batismo de adultos abreviado, de modo que fosse realizado em uma única celebração. No rito de 1614, a criança era interrogada diretamente sobre o que pedia à Igreja de Deus, se renunciava, se cria, como se de fato pudesse comprometer-se e responder às perguntas¹.

¹ Cf. BUGNINI, Annibale. *La riforma liturgica (1948-1975)*. Nuova edizione riveduta e arricchita di note e di supplementi per una lettura analitica. Roma: C.L.V. – Edizioni Liturgiche, 1997. p. 583.

Em 15 de maio de 1969, foi publicado o novo rito com decreto da Congregação para o Culto Divino. Tratava-se do primeiro livro litúrgico publicado após o término do Concílio.

O rito publicado compreende quatro partes: ritos de acolhida da criança (ou das crianças), liturgia da palavra, liturgia sacramental e ritos finais. Nossa atenção se voltará para o rito de acolhida da criança, que compreende: apresentação da criança, pedido de batismo, compromisso dos pais diante da comunidade de educar o filho cristãmente; compromisso dos padrinhos em colaborar com os pais na educação do batizando. O rito culmina com o sinal-da-cruz na frente da criança por parte do celebrante, dos pais e padrinhos. Em seguida, se o rito é realizado à porta da Igreja, como indica a rubrica, entra-se na Igreja e passa-se à celebração da palavra.

Analisaremos, ainda que não de modo exaustivo, os gestos e palavras que compõem o rito de acolhida da criança. Pretendemos fazer emergir, aparecer com a maior clareza que nos for possível, o significado e a graça do sacramento do batismo. A análise do rito de acolhida poderá se prestar igualmente a uma correta mistagogia da celebração. Servir-nos-emos principalmente do ritual preparado pela Conferência Episcopal Brasileira. Quando julgarmos oportuno, compararemos o ritual brasileiro com o ritual latino preparado pela Congregação para o Culto Divino. Também faremos convenientes remissões ao rito de batismo de 1614.

2. À PORTA DA IGREJA

A rubrica do rito para o batismo de uma criança² traz a seguinte indicação: "A reunião começa, quando possível, à porta da Igreja ou em outro lugar apropriado. A acolhida seja feita por quem preside e pela equipe de celebração" (RBC 105)³. O ritual latino⁴ traz uma rubrica mais ampla:

² RITUAL ROMANO. *Ritual do batismo de crianças*. Tradução portuguesa para o Brasil da segunda edição típica com adaptações à índole do povo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2005. (= RBC).

³ Cf. TEODORO DE MOPSUÉSTIA. Homília 12, 11.14-15. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003, p. 671-672.

⁴ RITUALE ROMANUM. *Ordo baptismi parvulorum*. Editio typica altera. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2003. (= OBP).

Fidelibus psalmum vel hymnum aptum pro opportunitate cantativus, sacerdos vel diaconus, celebrans, indutus alba vel superpeliceo est stola, vel etiam pluvial, festivi coloris, cum ministris accedit ad ianuam ecclesiae, vel ad eam partem ecclesiae ubi parentes et patrinus cum infante sunt concongregati (OBP 74).

Detenhamo-nos à relevância da *porta*⁵ da Igreja. A porta indica o limite entre dois espaços⁶, dois mundos, dois estados. Se fechada, impede a passagem, protege; mas aberta, convida a ser atravessada, dirigir-se rumo a algo ou alguém, do aquém para o além.

No Antigo Testamento, a porta da cidade é extremamente relevante. Ela deve ser fortificada para proteger a cidade contra os inimigos, tornando-se assim garantia de segurança para os habitantes. A porta da cidade também era o centro da vida pública. É o local da acolhida (cf. Jó 31,32); ali se realizavam encontros (cf. Jó 29,7; Sl 69(68), 13); transações comerciais ocorriam junto à porta da cidade (cf. Gn 23,11-18); era também o lugar do direito e do tribunal (cf. Rt 4,1-11; 2Sm 15,2; Jó 31,21), onde se realizavam os julgamentos (cf. Dt 21,19; 22,15; 25,7; Am 5,10.15; Jó 5,4; Pr 22,22; 24,7).

Não podemos deixar de mencionar que a escritura faz referência à porta dos céus. Jacó reconheceu em Betel a porta do céu (cf. Gn 28,17). A porta do céu se abre, e Deus se manifesta juntamente com as realidades celestes (cf. Ap 4,1ss). As portas dos céus se abrem, e Deus derrama suas bênçãos (cf. Ml 3,10), envia a chuva e o maná (cf. Sl 78(77), 23-24).

No Novo Testamento, temos o céu que se abre no momento do batismo de Jesus (cf. Lc 3,21-22; Mt 3,13-17; Mc 1,9-11) e o Espírito de Deus desce sobre ele. E Cristo mesmo é a porta (cf. Jo 10,9) pela qual se chega ao Reino dos Deus; ele é a realização do sonho de Jacó (cf. Jo 1,51).

⁵ LUKER, Manfred. Porta, pórtico. In: _____. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 191-193; BRIÈRE, Jena. Porta. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.). *Vocabulário de teologia bíblica*. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. col. 793-795; CHEVALIER, Jean. et al. Porta. In: _____. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p.734-738.

⁶ "Já estais diante da porta do palácio real: Deus queira que sejais introduzidos pelo próprio Rei" (CIRILO DE JERUSALÉM. Catequese preliminar, 1. In: CORDEIRO, op. cit., p. 470).

O Apocalipse descreve, inspirado em Isaías, Zacarias e sobretudo em Ezequiel (cf. 40-48), a Jerusalém messiânica com suas doze portas, que embora sempre abertas, por elas o mal não entra. Na Jerusalém celeste, prevalece a paz e a justiça e o intercâmbio perfeito entre Deus e a humanidade (cf. Ap 21,12-27; 22,14-15).

Na arquitetura, a entrada da Igreja pode ser considerada, em conformidade com a imaginação simbólica, o próprio Cristo, porta verdadeira (*Christus ianua vera*) que abre um caminho para o santuário, ou, sempre de acordo com a imaginação simbólica, um caminho rumo ao céu⁷. Jesus apresentou-se como porta das ovelhas (cf. Jo 10,7). Para pertencer ao rebanho (cf. Jo 21,15-17) de Cristo, é necessário passar por ele (cf. LG 6).

Sobre a porta convém ponderar o que diz o Catecismo da Igreja Católica (1213): “o batismo é o fundamento de toda a vida cristã, a porta da vida no Espírito (*vitæ spiritualis ianua*), a porta que dá acesso aos demais sacramentos”⁸. Também podemos relacionar a porta da Igreja com a porta da fé:

*A porta da fé (cf. At 14, 27), que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja, está sempre aberta para nós. É possível cruzar este limiar, quando a Palavra de Deus é anunciada e o coração se deixa plasmar pela graça que transforma. Atravessar esta porta implica embrenhar-se num caminho que dura a vida inteira. Este caminho tem início no Batismo (cf. Rm 6, 4), pelo qual podemos dirigir-nos a Deus com o nome de Pai, e está concluído com a passagem através da morte para a vida eterna, fruto da ressurreição do Senhor Jesus, que, com o dom do Espírito Santo, quis fazer participantes da sua própria glória quantos crêem n’Ele (cf. Jo 17, 22)*⁹.

⁷ “(...) é conveniente que a porta da igreja, quer em sua estrutura, quer em seu ornamento artístico, seja sinal de Cristo, que disse: ‘Eu sou a porta das ovelhas’ (Jo 10,7) e, ao mesmo tempo, de quantos percorreram o caminho da santidade, que leva à casa de Deus.” RITUAL ROMANO. *Ritual de bênçãos*. 5. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2003. p. 344.

⁸ IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2013 (= CCE [Catechismus Catholicæ Ecclesiæ]).

⁹ BENTO XVI, papa. *Carta apostólica sobre a forma de motu próprio Porta Fidei*. Roma, 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html>. Acesso em: 17 mai. 2017.

O batismo é chamado de “porta da vida e do Reino” (cf. RBC 3). E a Igreja, edifício¹⁰ visível, tem um significado escatológico: “Para entrar na casa de Deus, é preciso atravessar um limiar, símbolo da passagem do mundo ferido pelo pecado para o mundo da vida nova à qual todos os homens são chamados. A igreja visível simboliza a casa paterna para a qual o povo de Deus está a caminho e na qual o Pai ‘enxugará toda lágrima de seus olhos’ (Ap 21,4)” (CCE 1186).

O OBP (74) menciona que os fiéis cantam um salmo ou um hino apropriado, mas não oferece nenhum exemplo. Considerando sempre que os genitores, os padrinhos e o neonato se encontram junto à porta da Igreja, nos atrevemos a sugerir que para esta ocasião os Salmos 86(87) e 121(122)¹¹. O primeiro salmo 86(87) traz por título na Bíblia de Jerusalém: *Sião, mãe dos povos*; na Liturgia das horas¹² o título é *Jerusalém: mãe de todos os povos*. A nota explicativa da Bíblia de Jerusalém ilumina a adequação desse salmo para dar início à liturgia batismal:

A sagrada Sião, cidade de Deus (2Sm 5,9+), deve tornar-se a capital espiritual e a mãe de todos os povos. Todos os vizinhos pagãos de Israel: Egito (“Raab”), Etiópia, Síria-Palestina, Mesopotâmia, são chamados a conhecer o Deus verdadeiro e a fornecer-lhes prosélitos. Tal é a vontade de lahweh, que exprime um oráculo (vv. 4-5). O Sl inspira-se em Isaías e Zacarias. Isaías anunciava já este papel maternal de Sião, esposa fecunda de lahweh, papel que a torna figura da Igreja.

¹⁰ Cf. RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2012. p. 47-54.

¹¹ “O Senhor ama a cidade que fundou no Monte Santo, ama as portas de Sião mais que as casas de Jacó (Sl 87(86), 1-2); Que alegria, quando ouvi que me disseram: “Vamos à casa do Senhor!” E agora nossos pés já se detêm, Jerusalém, em tuas portas” (Sl 122(121),1-2).

¹² LITURGIA DAS HORAS. *Ofício divino renovado conforme o decreto do Concílio Vaticano II e promulgado pelo Papa Paulo VI*. Tradução para o Brasil da segunda edição típica. Vol. II Tempo da Quaresma, Tríduo Pascal e Tempo da Páscoa. Editora Vozes, Paulinas, Paulus e Editora Ave-Maria: 2000. p. 1260. (= LH).

O segundo salmo 121(122) na Bíblia de Jerusalém intitula-se: *Saudações a Jerusalém* e na Liturgia das Horas¹³: *Jerusalém, cidade santa*. A nota da Bíblia de Jerusalém diz que os peregrinos, detendo-se às portas da Cidade santa, dirigem-lhe sua saudação: Shalôm (“Paz”), jogando com a etimologia popular de Jerusalém “cidade de paz”. E a paz desejada fazia parte das esperanças messiânicas (cf. Is 11,6+; Os 2,20+). O salmo pode suscitar e estimular nos presentes a alegria que deve caracterizar a celebração batismal, pode também evocar a consciência que os presentes são destinatários dos bens messiânicos.

Um terceiro salmo que poderia se prestar ao escopo de iniciar a celebração do batismo é o Sl 100(99). É um salmo recitado, provavelmente, ao entrar no Templo para oferecer os sacrifícios de comunhão (cf. Lv 7,11-12). Ora, aquele que se apresenta às portas do Templo, na verdade, deseja aproximar-se de Deus. Principalmente os pais e padrinhos, que junto à porta da Igreja estão prestes a iniciar a celebração do batismo, devem ter presente que não somente se aproximam de Deus, mas que os batizados se tornam filhos de Deus e participantes da natureza divina (cf. LG 40).

3. SAUDAÇÃO

Concluído o canto, o RBC traz a seguinte rubrica: “quem preside saúda a assembleia” (RBC 106). Já o texto latino traz uma rubrica mais, podemos dizer, generosa: “Celebrans salutatur præsentes, præsertim vero parentes et patrimum, paucis verbis revocans gaudium quo parentes receperunt infantem tamquam donum Dei, qui est fons omnis vitæ et vult nunc ipsi vitam suam largiri” (OBP 75).

A saudação deve ser dirigida a todos, mas principalmente aos genitores e padrinhos. Tal saudação deve ser breve (*paucis verbis*), não deve se converter em uma “homilia” ou “catequese”. Deve referir-se à ação de Deus que doa o filho aos genitores: “os filhos são a bênção do Senhor, o fruto das

¹³ Ibid., p. 1297-1298.

entranhas, sua dádiva” (Sl 127(126),3); “os filhos são o dom mais excelente do matrimônio e constituem um benefício para os próprios pais” (GS 50). Para os cônjuges, a fecundidade (cf. Gn 1,28) é causa de alegria (*gaudium*) (cf. 1Sm 2,1.5; Sl 113(112),9; Jo 16,21). O celebrante¹⁴ também deve recordar que no batismo Deus, fonte da vida, comunica sua vida, fazendo do neófito “participante da natureza divina” (2Pd 1,4), ou seja, o batismo é ação santificadora de Deus.

4. DIÁLOGO: APRESENTAÇÃO DA CRIANÇA E PEDIDO DO BATISMO

Começamos considerando o que diz a rubrica do RBC: “Quem preside inicia um diálogo espontâneo com os pais, padrinhos e comunidade sobre o nome que escolheram para a criança, o desejo de batizá-la e suas disposições de educá-la na fé: Ou então diz:” (RBC 107). Em nossa opinião, um diálogo espontâneo precisa ser bem pensado, pois se corre o risco de degenerar trivialidades que não têm lugar na celebração do batismo, banalizando a celebração. E isso poderia ser contraproducente. A rubrica do OBP é breve e direta: “Celebrans primo parentes interrogat” (OBP 76), também considera a possibilidade de um diálogo espontâneo: “Celebrans aliis verbis, in dialogo, uti potest” (OBP 76).

4.1 O NOME

A partir deste momento nos dedicamos aos diálogos propostos pelos rituais: “Queridos pais, vocês transmitiram a vida a esta criança e a receberam como um dom de Deus, um verdadeiro presente. Que nome vocês escolheram para ela?” (RBC 107). Antes de questionar os pais quanto ao nome da criança, quem preside refere-se à transmissão da vida, à procriação, já que “o matrimônio e amor conjugal por sua própria

¹⁴ São ministros ordinários do Batismo, o Bispo e o presbítero e, na Igreja latina, também o diácono. Em caso de necessidade, qualquer pessoa, mesmo não batizada, que tenha a intenção exigida, pode batizar, utilizando a fórmula batismal trinitária. A intenção requerida é querer fazer o que a Igreja faz quando batiza. A Igreja vê a razão desta possibilidade na vontade salvífica universal de Deus e na necessidade do Batismo para a salvação (CCE 1256).

índole se ordenam à procriação e educação dos filhos” (GS 50). Em seguida insiste que o filho é um dom de Deus, ou seja, uma bênção (cf. Gn 1,28). Os cônjuges, no que concerne ao ofício de transmitir a vida e educar são cooperadores do amor de Deus Criador e como que seus intérpretes (cf. GS 50). Os esposos cristãos, “confiados na Providência Divina, e cultivando o espírito de sacrifício, glorificam o Criador e marcham para a perfeição em Cristo quando exercem a função de procriar com responsabilidade generosa, humana e cristã” (GS 50). Cremos que não é difícil perceber como o RBC incorporou na primeira pergunta feita aos pais aquilo que no OBP encontra-se na rubrica: a criança *donum* de Deus e Deus *fons* de toda a vida (cf. OBP 75).

O OBP não sugere uma fórmula fixa como exórdio à pergunta referente ao nome da criança. O celebrante interroga os pais diretamente: “Quod nomen infánti vestro impónere vultis (vel imposuístis)?” (OBP 76).

Ambos os rituais dizem que os pais apresentam a criança dizendo o nome (cf. RBC 108; OBP 76). Sendo assim, convém refletirmos sobre a importância do nome no batismo. Segundo Dupont: “longe de ser uma designação convencional, para os antigos o nome exprime o papel que um ser desempenha no universo”¹⁵. O nome seria mais que um mero distintivo de uma pessoa de outra; tendo misteriosa identidade com seu portador a ponto do nome ser considerado um substituto da pessoa; também se pensa que indique algo do caráter da pessoa a quem pertence¹⁶. Ora, Deus chama a cada um por seu nome: “chamei-te pelo teu nome: tu és meu” (Is 43,1; cf. Jo 10,3). E se na escritura não é incomum a mudança de nome, tal mudança significa impor-lhe uma nova personalidade, ou assinalar que Deus toma posse de suas vidas, assim ocorre com Abraão (Gn 17,5), Sara (Gn 17,15) e Jacó (Gn 32,39).

¹⁵ DUPONT, Jaques. Nome. In: LEÓN-DUFOUR, Xavier (dir.). *Vocabulário de teologia bíblica*. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. col. 649.

¹⁶ MCKENZIE, John. Nome. In: _____. *Dicionário bíblico*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 658.

Dupont também afirma que:

cada ser traz o nome que convém à função que lhe é outorgada. Quando sua missão é divina, seu nome vem do céu, como o de João (Lc 1,13.63). Mesmo quando dado pelos homens, o nome é sinal duma conduta de Deus: Zacarias (Lc 1,5.72: "Deus se lembrou"), Elisabet (Isabel) (Lc 1,5.73: "o juramento que ele havia feito"), Maria (Lc 1,27.46.52: "magnificada, exaltada"). Dando a Simão o nome de Pedro, Jesus mostra a função que lhe destina e a personalidade nova que nele cria (Mt 16,18)¹⁷.

Quanto à prática de escolher o nome dos filhos segundo o nome dos santos do calendário católico, Luker faz a seguinte consideração:

O modo de ver da Antiguidade, segundo o qual o nome de certa forma tem a ver com o destino do seu portador (nomen est omen), continuou vivo nos tempos cristãos. Dando-se o nome dos santos do calendário católico, espera-se não somente a proteção deles para a criança, mas também a comunicação de suas virtudes. Em muitos lugares se celebra mais o dia do patrono do que o dia do nascimento, uma vez que aquele faz lembrar o nascimento no batismo¹⁸.

Também o Catecismo da Igreja Católica faz oportunas considerações sobre o nome cristão:

No Batismo, o nome do Senhor santifica o homem e o cristão recebe seu próprio nome na Igreja. Este pode ser o de um santo, isto é, de um discípulo que viveu uma vida de fidelidade exemplar a seu Senhor. O "nome de Batismo" pode também exprimir um mistério cristão ou uma virtude cristã. (...) O nome de todo homem é sagrado. O nome é o ícone da pessoa.

¹⁷ DUPONT, op. cit., col. 653.

¹⁸ LUKER, op. cit., p. 159.

Exige respeito, em sinal da dignidade de quem o leva. O nome recebido é um nome eterno. No Reino, o caráter misterioso e único de cada pessoa, marcada com o nome de Deus, resplandecerá em plena luz (CCE 2156; 2158-2159).

O Código de Direito Canônico traz sobre o nome da criança a seguinte indicação: "Cuidem os pais, padrinhos e pároco que não se imponham nomes alheios ao senso cristão" (cân. 855). Hortal recorda que o Código de 1917 "continha o dever positivo de impor um 'nome cristão', ou seja, baseado em nomes de santos, dos mistérios da vida de cristo (p. ex. 'Ressurreição'), das advocações de Nossa Senhora, das virtudes ('Esperança') etc"¹⁹. Como já vimos, o Catecismo ainda traz as mesmas sugestões. Hortal também reflete sobre a proibição de nomes "alheios ao senso cristão":

O que significa isso? Certamente aqueles que fossem blasfematórios (como "Satanás", "Lúcifer" etc.), mas também os que fossem dados para lembrar perseguidores do cristianismo (Nero, Stalin etc.). Não cremos que se excluam nomes que sejam derivados de tradições diferentes (...), contanto que não sejam diretamente contrários às verdades da fé. Contudo, cremos que é lamentável o costume, cada vez mais difundido em nosso meio, de abandonar os nomes dos santos para impor nomes absolutamente vazios de sentido, inventados unicamente em função do som que se imagina agradável²⁰.

O Ritual Romano de 1614 até sua última edição de 1952 dizia que os párocos deveriam empenhar-se para que ao batizando fosse imposto um nome cristão. Caso não conseguissem que os pais impusessem nome cristão ao seu filho, eles deveriam acrescentar o nome de um santo e fazer a devida anotação no livro de batismos. Em duas ocasiões a introdução sobre

¹⁹ HORTAL, Jesús. *Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 74.

²⁰ Ibid.

o sacramento do batismo²¹ refere-se ao nome imposto ao batizando:

30. Curent Parochi ut ei qui baptizatur, christianum imponatur nomen; quod si id consegui non poterunt, nomini a parentibus imposito addant nomen alicujus Sancti et in libro batizatorum utrumque nomen perscribant²².

70. Et quoniam iis qui baptizantur, tamquam Dei filiis in Christo regenerandis, et in ejus militiam adscribendis, nomen imponitur, curet, ne obscœna, fabulosa, aut ridicula, vel inanium deorum, vel impiorum ethnicorum homium nomina imponantur, sed potius, ut jam supra num. 30 dictum est, Sanctorum, quórum exemplis fidelis ad pie vivendum excitentur, et patrociniis protegantur²³.

Creemos que o que foi dito sobre o nome seja suficiente para compreender que a resposta dos pais à pergunta do celebrante não é mero formalismo. O nome do batizando está repleto de significado; “o nome de todo homem é sagrado” (CCE 2158).

4.2 SOLICITAÇÃO PÚBLICA DO BATISMO

Após apresentar seu filho dizendo o nome que escolheram, uma das funções dos pais durante a celebração é solicitar publicamente o batismo para a criança (cf. RBC 5/3; OBP 5/3).

Passemos ao diálogo entre celebrante e genitores. A rubrica do RBC diz:

²¹ SODI, Mantio; TONIOLO, Alessandro (a cura di). *Rituale Romanum Pauli V Pontificis Maximi jussu editum aliorumque pontificum cura recognitum atque ad normam Codicis Juris Canonici accommodatum Ssmi D. N. Pii Papæ XII auctoritate ordinatum et auctum*. Editio Typica 1952. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008. p. 18; 24-25.

²² Os párocos se esforcem para que ao batizando seja imposto um nome cristão; se não tiverem êxito, acrescentem ao nome imposto pelos pais o nome de um Santo, que escreverão juntamente com o outro nome no livro dos batizados.

²³ A quem recebe o batismo se impõe um nome, porque ele é um filho de Deus, a ser regenerado em Cristo e a ser inscrito ao seu serviço; por isso o sacerdote se esforce para que não lhe seja imposto um nome obsceno, fabulosos, ridículo, de falsas divindades, ou personagens pagãos e ímpios, mas de preferência, como se disse acima no número 30, nomes de Santos, que com o seu exemplo estimularão os fiéis a viver bem e os assistirão com sua ajuda.

“quem preside convida pai e mãe a dizer com suas próprias palavras o que estão pedindo à Igreja”. Tal convite é feito servindo-se da seguinte pergunta: “Queridos pais, que pedem à Igreja de Deus para seu (sua) filho (a)?” (RBC 110). Já o OBP diz: “Celebrans: Quid pētītis ab Ecclēsia Dei pro N.?” (OBP 76).

Julgamos não ser conveniente comentar de forma longa a fórmula *Ecclēsia Dei*, e admitindo que o “batismo é ação de Cristo, mas na Igreja, (...) ao mesmo tempo agente e sujeito passivo do batismo”²⁴, cremos oportuno remeter o leitor ao Catecismo da Igreja Católica. O Art. 9 do Credo: “Creio na Igreja Católica” traz no seu primeiro parágrafo o seguinte título: “A Igreja no desígnio de Deus”. Em seguida discorre sobre as denominações e imagens da Igreja (cf. CCE 751-757) e sobre a origem, fundação e missão da Igreja (cf. CCE 758-769). Justamente ao falar sobre a origem, fundação e missão da Igreja, o Catecismo afirma sua origem no desígnio da Santíssima Trindade (cf. CCE 758): um projeto nascido no coração do Pai (cf. CCE 759); prefigurada desde a origem do mundo (cf. CCE 760); preparada na antiga aliança (CCE 761-762); instituída por Cristo (cf. CCE 763-766); manifestada pelo Espírito Santo em Pentecostes (cf. CCE 767- 768); consumada na glória (cf. CCE 769). Ao término do primeiro parágrafo o Catecismo se dedica ao mistério da Igreja: visível e espiritual (cf. CCE 771); mistério de união dos homens com Deus (cf. CCE 772-773); sacramento universal de salvação (cf. CCE 774-776). Ou seja, celebrante, mas também os pais, a quem o celebrante se dirige, e os demais fiéis que tomam parte na celebração do batismo, devem estar conscientes de que a Igreja tem sua origem em Deus, ela existe somente como resultado da ação divina²⁵, e que, portanto pertence a ele. Essa Igreja encontra-se na história, mas ao mesmo tempo transcende a história, é visível e espiritual ao mesmo tempo (cf. CCE 770), é uma realidade complexa na qual se funde o elemento divino e o elemento humano (cf. LG 8).

Para a questão colocada pelo celebrante, e conseqüentemente para a

²⁴ OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e confirmação: sacramentos de iniciação*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 161-162.

²⁵ AUGÉ, Matias. *L'iniziazione cristiana: battesimo e confermazione*. Roma : Libreria Ateneo Salesiano, 2010. p. 182.

resposta dos genitores, é importante ter presente que a palavra *Igreja*, na linguagem cristã, designa:

a assembleia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda a comunidade dos crentes. Esses três significados são inseparáveis. A "Igreja" é o povo que Deus reúne no mundo inteiro. Existe nas comunidades locais e se realiza como assembleia litúrgica, sobretudo eucarística. Ela vive da Palavra e do Corpo de Cristo e se torna, assim ela mesma, corpo de Cristo (CCE 752).

Quanto à resposta dos pais, o RBC oferece a seguinte rubrica: "Acolhe as respostas apresentadas e, se for necessário, as ligará com o sentido do batismo" (RBC 111). De acordo com o OBP a primeira opção de resposta é: *Baptísumum*. As outras respostas possíveis são: *Fidem*, *Grátiam Christi*, *Ingréssum in Ecclésiám*, *Vitam aetérnam* (OBP 76).

A primeira resposta, *Baptísumum*, evoca o rito essencial do sacramento: mergulhar, lavar, imergir²⁶ em água pura e natural²⁷. O RBC traz a seguinte rubrica:

Convém que a água seja abundante, de modo que o batismo apareça como verdadeira passagem pela água ou banho. O batismo pode ser realizado das seguintes maneiras: 1) mergulhando a criança ou totalmente na água; 2) derramando água sobre a cabeça e deixando-a escorrer sobre todo o corpo; 3) derramando água somente sobre a cabeça (145).

²⁶ Cf. BEIDER, Wener. βαπτίζω In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (Eds.). *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2001. col. 573-585.

²⁷ Cf. INOCÊNCIO III. *IV Concílio do Latrão*, 11-30 nov. 1215. In: DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas e Edições Loyola, 2007. p. 284 (= DH 802); CLEMENTE V. *Concílio de Vienne* (DH 903); CLEMENTE VI. *Carta Super quibusdam a Mekhitahar Katholikós dos armênios*, 29 set. 1351 (DH 1082); EUGÊNIO IV. *Bula sobre a união com os armênios Exsultate Deo*, de 22 nov. 1439 (DH 1314); PAULO III. *Concílio de Trento 7ª sessão*, 3 mar. 1547 (DH 1615).

As respostas *Fidem* e *Vitam æternam* têm uma relevância particular. Miralles nos informa que *Fidem* e *Vitam æternam* eram respostas obrigatórias nos *ordines* para o batismo de crianças no Pontifical da Cúria Romana do século XIII²⁸, no *Liber sacerdotalis* (1523) de Alberto Castellani²⁹, no *Rituale* (1570) de Domenico Bollani³⁰ e no Ritual Romano de 1614, até sua última edição em 1952³¹. Miralles também comenta tais respostas ao tratar do rito de admissão ao catecumenato, já que perguntas e respostas são as mesmas³²:

A fé que faz conhecer a Deus e que coloca em um novo relacionamento com ele, não é uma conquista humana, mas um dom, que o candidato espera receber da Igreja. Do mesmo modo a vida eterna é um dom, que se recebe com a fé. A vida eterna é descrita por Jesus na sua oração sacerdotal: «Ora, a vida eterna é esta: que eles te reconheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo» (Jo 17,3), um conhecimento já atual, mas que deverá atingir sua plenitude: «Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face» (1Cor 13,12); «Amados, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é» (1Jo 3,2). Por isso é vida eterna, plenamente feliz. (...) Fé e vida eterna são dons de Deus, que ele concede por meio da ação da Igreja. A criança não se dá conta, mas o dom é precioso e vem semeado nela, para que se desenvolva e amadureça com o tempo»³³ (tradução nossa).

²⁸ ... quid petis ad ecclesiam Dei? Resp.: Fidem. Interrogatio: Fides quid tibi prestat? Resp: Vitam æternam. (apud MIRRALLES, Antonio. *Teologia litúrgica dei sacramenti 2. L'iniziazione cristiana*. Roma, 2015. p. 139. Disponível em: <http://www.liturgiaetsacramenta.info/texts/tl_iniziazione.pdf>.

²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 143.

³⁰ Cf. *Ibid.*, p. 146-149.

³¹ Cf. SODI; TONIOLO, op. cit., p. 25; MIRRALLES, op. cit., p. 150.

³² Reliquæ interrogationes, propter magnum numerum, omnibus simul fieri possunt. Celebrans: Quid petis ab Ecclesia Dei? Candidatus: Fidem. Celebrans: Fides quid tibi præstat? Candidatus: Vitam æternam. Alii etiam verbis uti potest celebrans ad interrogandum candidatum de eius proposito, et admittere liberas responsiones: v.g., post primam interrogationem: Quid petis? Quid vis? Ad quid? admittere licet verba: Grátiam Christi, vel Ingressum in Ecclesiam, vel Vitam æternam vel alia convenientia, quibus diende celebrans interrogationes sua aptabit (75). RITUALE ROMANUM. *Ex decreto sacrosancti Œcomenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum. Ordo initiationis Christiane adultorum*. Editio Typica. Typis Polyglottis Vaticanis, 1972 (Reimpressio emendata 1974). p. 32-33.

³³ MIRRALLES, op. cit., p. 190; 425.

Bento XVI em sua encíclica *Spe Salvi* fez uma referência ao diálogo entre ministro do batismo e padrinhos:

para nós, hoje a fé cristã é também uma esperança que transforma e sustenta a nossa vida? Para nós aquela é «performativa» – uma mensagem que plasma de modo novo a mesma vida – ou é simplesmente «informação» que, entretanto, pusemos de lado porque nos parece superada por informações mais recentes? Na busca de uma resposta, desejo partir da forma clássica do diálogo, usado no rito do Batismo, para exprimir o acolhimento do recém-nascido na comunidade dos crentes e o seu renascimento em Cristo. O sacerdote perguntava, antes de mais nada, qual era o nome que os pais tinham escolhido para a criança, e prosseguia: «O que é que pedis à Igreja?». Resposta: «A fé». «E o que é que vos dá a fé?». «A vida eterna». Como vemos por este diálogo, os pais pediam para a criança o acesso à fé, a comunhão com os crentes, porque viam na fé a chave para a «vida eterna». Com efeito hoje, como sempre, é disto que se trata no Batismo, quando nos tornamos cristãos: é não somente um ato de socialização no âmbito da comunidade, nem simplesmente de acolhimento na Igreja. Os pais esperam algo mais para o batizando: esperam que a fé – de que faz parte a corporeidade da Igreja e dos seus sacramentos – lhe dê a vida, a vida eterna. Fé é substância da esperança. Aqui, porém, surge a pergunta: Queremos nós realmente isto: viver eternamente? Hoje, muitas pessoas rejeitam a fé, talvez simplesmente porque a vida eterna não lhes parece uma coisa desejável³⁴.

O batismo foi instituído por Cristo justamente para que todos possam alcançar a vida eterna (cf. RBC 3). “Não pode haver batismo sem fé”³⁵; “o

³⁴ BENTO XVI, papa. *Carta encíclica Spe Salvi sobre a esperança cristã*. Roma: Libreria Editrice Vatican, 2007 (10). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html>. Acesso em: 6 jun. 2017.

³⁵ OÑATIBIA, op. cit., p. 210.

batismo é o sacramento da fé” (CCE 1253)³⁶, e o sacramento da fé é a fé³⁷. A fé é sempre um dom, uma graça (cf. CCE 153; 1814-1816), é o começo da vida eterna (cf. CCE 163-165).

O sacramento do batismo, ao mesmo tempo em que supõe a fé, também a alimenta, a fortalece e exprime (cf. CCE 1123). A fé que se requer no momento do batismo não é uma fé madura, perfeita, mas um começo, que necessariamente deverá se desenvolver e crescer (cf. CCE 1253-1254).

O que garante, no caso do batismo de crianças³⁸, a relação entre fé e sacramento é a fé da Igreja³⁹. É ela que crê e carrega, alimenta e sustenta nossa fé. É por meio da Igreja que o cristão recebe a fé e a vida nova no Cristo pelo batismo (cf. CCE 168). Assim, “o fator subjetivo determinante da eficácia do sacramento é a fé da Igreja (...). A profissão de fé dos pais e padrinhos e a adesão da comunidade através de seu ministro expressam a solidariedade na fé em cujo seio é recebida a criança”⁴⁰. E, como diz Santo Agostinho, se a criança “ainda não tem a fé em sua mente, pelo menos não lhe coloca o obstáculo de um pensamento contrário, o que é suficiente para receber como fruto o sacramento”⁴¹.

4.3 DISPOSIÇÃO DE EDUCAR O FILHO NA FÉ

Uma terceira pergunta é dirigida aos genitores. Eles são convidados a declarar seu compromisso e disposição de educar na fé seu filho. O ritual utilizado em território brasileiro traz tal pergunta formulada da seguinte

³⁶ Cf. AUGÉ, op. cit., p. 207-212.

³⁷ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Lettere* 98, 9. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/italiano/lettere/index2.htm>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

³⁸ Crianças são todos aqueles que ainda não atingiram a idade de razão e não são capazes de professar a própria fé (RBC *Observações preliminares*, 1).

³⁹ A Igreja sempre entendeu que não devia privar do batismo as crianças, uma vez que são batizadas na fé da mesma Igreja, que é proclamada pelos pais, padrinhos e todos os presentes. Neles será representada a Igreja local e toda a assembleia dos santos e fiéis: a mãe Igreja, que gera todos e cada um (RBC *Observações preliminares*, 2). cf. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução pastoralis actio sobre o batismo de crianças* (nº 14). Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaiht_doc_19801020_pastoralis_actio_po.html>.

⁴⁰ OÑATIBIA, op. cit., p. 215.

⁴¹ SANTO AGOSTINHO. *Epístola* 98, 10. (apud OÑATIBIA, op. cit., p. 216).

maneira: "Pelo batismo esta criança vai fazer parte da Igreja. Vocês querem ajudá-la a crescer na fé, observando os mandamentos e vivendo na comunidade dos seguidores de Jesus?" (RBC 112). No ritual latino temos uma pergunta formulada do seguinte modo: "Baptísmum pro infánte vestro peténtes, estísne cóncsii offícií, quod suscípitis, illum in fide educánti, ut, Dei mandata servans, Dóminum et próximum suum díligat sicut Christus nos edócuít?" (OBP 77).

No ritual brasileiro temos uma referência breve a um dos efeitos do batismo: "o batismo é o sacramento pelo qual as pessoas passam a pertencer ao corpo da Igreja"⁴². Posteriormente se questiona os pais sobre sua disposição em ajudar seu filho a crescer na fé⁴³ (cf. CCE 1255), já que "em todos os batizados, crianças e adultos, a fé deve crescer após o batismo" (CCE 1254). Os pais devem ser para seu filho, pela palavra e pelo exemplo, os primeiros educadores na fé (cf. LG 11). Além disso, os pais precisam estar conscientes de que por sua natureza, "o batismo das crianças exige um catecumenato pós-batismal. Não se trata somente da necessidade de uma instrução posterior ao batismo, mas do desabrochar da graça batismal no crescimento da pessoa" (CCE 1231). Os pais são chamados a gerar os filhos para a vida, mas também a conduzi-los a Deus, para que sejam regenerados pelo batismo como filhos de Deus e recebam o dom da fé⁴⁴. O papa Francisco afirma que: "em família, a fé acompanha todas as idades da vida, a começar pela infância: as crianças aprendem a confiar no amor de seus pais. Por isso, é importante que os pais cultivem práticas de fé comuns na família, que acompanhem o amadurecimento da fé dos filhos"⁴⁵.

⁴² RBC *Observações preliminares*, 3; Cf. CCE 1267-1270.

⁴³ É necessário, contudo, para completar a conscientização do sacramento, que as crianças sejam depois instruídas na fé em que foram batizadas: fundamento disso será o próprio sacramento, antes recebido. A instrução cristã, que por direito lhes é devida, nada mais visa senão a levá-las paulatinamente a aprender da Igreja o plano de Deus em Cristo, para que elas finalmente tomem consciência da fé em que foram batizadas e a abracem pessoalmente. (RBC Batismo de crianças. *Observações preliminares*, nº 3). Cf. OÑATIBIA, op. cit., p. 260-263; RBC Batismo de crianças. *Observações preliminares*, nº 7, 1).

⁴⁴ Cf. FRANCISCO, papa. *Carta encíclica lumen fidei sobre a fé*, nº 43. São Paulo: Paulinas, 2013.

⁴⁵ *Ibid.*, nº 53.

Uma breve referência aos mandamentos⁴⁶ nos remete às palavras de Jesus: “Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: Amarás o teu próximo com a ti mesmo” (Mt 22,38-39) (RBC nº 375). Esse duplo e único mandamento da caridade ilumina a interpretação de todo o decálogo. O Catecismo da Igreja Católica afirma que o decálogo (dez mandamentos) tem lugar preponderante na catequese dos futuros batizados e dos fiéis (cf. CCE 2065). Existe uma ligação entre fé e decálogo, que deve ser entendido no contexto do êxodo, como grande acontecimento libertador de Deus no centro da Antiga Aliança. Os dez mandamentos revelam as condições de uma vida liberta da escravidão do pecado (cf. CCE 2057). E é pelo batismo que todos os pecados são perdoados⁴⁷: o pecado original e os pecados pessoais, assim como todas as penas temporais (cf. CCE 1263). Os genitores cristãos, portanto, deverão ajudar sua prole, desde a mais tenra idade, viver na liberdade própria dos filhos de Deus, observando o decálogo que

é um conjunto não de preceitos negativos mas sim de indicações concretas para sair do deserto do “eu” autorreferencial, fechado em si mesmo, e entrar em diálogo com Deus, deixando-se abraçar pela sua misericórdia a fim de a irradiar. Desse modo, a fé confessa o amor de Deus, origem e sustentáculo de tudo, deixa-se mover por este amor para caminhar rumo à plenitude da comunhão com Deus. O decálogo aparece como o caminho da gratidão, da resposta de amor, que é possível porque, na fé, nos abrimos à experiência do amor de Deus que nos transforma. E

⁴⁶ Cânones sobre o sacramento do batismo: Cân. 7. Se alguém disser que as pessoas batizadas, por seu batismo, estão obrigadas somente à fé e não à observância de toda a lei de Cristo: seja anátema. Cân. 8. Se alguém disser que as pessoas batizadas estão livres de todos os preceitos da Santa Igreja, quer escritos, quer transmitidos por tradição, de modo que não são obrigadas a observá-los, a não ser que se queiram submeter a eles espontaneamente: seja anátema. (DH 1620-1621).

⁴⁷ O batismo os incorpora a Cristo, tornando-os membros do povo de Deus; perdoa-lhes os pecados e os faz passar, livres dos poder das trevas, à condição de filhos adotivos, transformando-os em nova criatura pela água e pelo Espírito Santo; por isso são chamados filhos de Deus e realmente o são. (RBC *Observações preliminares*, nº 2).

este caminho recebe uma luz de tudo aquilo que Jesus ensina no Sermão da Montanha (cf. Mt 5-7)⁴⁸.

O batismo que a criança receberá, como já foi dito, é o que a fará membro da Igreja, corpo de Cristo. Os pais deverão se comprometer no momento do batismo a ajudar seu filho a viver na Igreja e para a Igreja⁴⁹, mantendo sempre viva a consciência de sua pertença ao corpo de Cristo. Todo batizado é chamado a estreitar e fortalecer seus vínculos de pertença à Igreja⁵⁰. Ele deverá se interessar pela Igreja, participando ativamente em sua vida, em suas atividades, e principalmente, tomando parte na assembleia eucarística, fonte e ápice da vida eclesial (cf. CCE 1324).

4.4 PROPÓSITO DO PADRINHO E MADRINHA EM COLABORAR COM OS PAIS

A pergunta sucessiva se dirige ao padrinho e madrinha: “E vocês, padrinho e madrinha, estão dispostos a colaborar com os pais em sua missão?” (RBC 113). O papel do padrinho⁵¹ é contribuir para a educação da criança, ou melhor, para que a graça batismal possa se desenvolver. Eles têm um papel subsidiário, em relação aos pais, a quem corresponde a responsabilidade principal⁵². Precisam ser cristãos firmes, capazes e prontos a ajudar o novo batizado em sua caminhada na vida cristã. Sua tarefa é uma função eclesial. (cf. CCE 1255).

4.5 A COMUNIDADE É CONVIDADA A MANIFESTAR SEU COMPROMISSO DE FÉ E VIDA CRISTÃ

Uma última pergunta é dirigida à comunidade: “E todos vocês, queridos irmãos e irmãs aqui reunidos, querem ser uma comunidade de fé e de amor

⁴⁸ FRANCISCO, op. cit., nº 46.

⁴⁹ Cf. OÑATIBIA, op. cit., p. 258-259.

⁵⁰ Após a celebração do batismo, compete ainda aos pais, reconhecidos a Deus e fiéis ao ofício recebido, levar a criança ao conhecimento de Deus, de quem se tornou filho adotivo, bem como cuidar para que receba a Crisma e participe da Eucaristia (RBC Batismo de crianças *Observações preliminares*, nº 5,5).

⁵¹ Pode-se admitir um padrinho e uma madrinha para cada criança: ambos aparecerão no Rito com o nome de “padrinhos” (RBC Batismo de crianças *Observações preliminares*, nº 6).

⁵² Cf. HORTAL, op. cit., p. 74.

(cf. LG 8) para esta criança?” (RBC 114). O OBP não traz esse questionamento à comunidade. Contudo, trata-se de um questionamento oportuno, já que: “o povo de Deus, ou seja, a Igreja, representada pela comunidade local, deve tomar parte no batizado das crianças (...). Assim se demonstra que a fé, em que são batizadas as crianças, não é somente da família, mas constitui verdadeiro tesouro de toda a Igreja de Cristo”⁵³. O papa Francisco falando dos sacramentos e da transmissão fé recorda que “a fé é vivida no âmbito da comunidade da Igreja, insere-se em um ‘nós’ comum. Assim, a criança pode ser sustentada por outros, pelos seus pais e padrinhos, e pode ser acolhida na fé deles que é a fé da Igreja”⁵⁴.

O batismo é ação de Cristo, mas é também um acontecimento eclesial, uma ação da Igreja⁵⁵. Ela é o sujeito integral de toda celebração. E não podemos esquecer que a salvação chega ao homem com a mediação da Igreja. É pelo batismo que a Igreja dá à luz seus novos filhos, e não há comunhão com Cristo sem comunhão com os irmãos. Também é pelo batismo que a Igreja se edifica e ele é o vínculo sacramental de unidade entre os cristãos.

5. SINAL-DA-CRUZ

Uma vez que a comunidade presente tenha respondido à pergunta acima, o celebrante deve prosseguir com o sinal-da-cruz, dizendo: “Nosso sinal é a cruz de Cristo. Por isso, vamos marcar esta criança com o sinal de Cristo Salvador. Assim, N., nós te acolhemos na comunidade cristã” (RBC 115). A rubrica indica como proceder: “o sinal-da-cruz na fronte da criança é feito por quem preside, pelo pai pela mãe, padrinho e madrinha e, eventualmente por alguma pessoa da comunidade. Pode-se cantar um canto apropriado, enquanto se procede à assinalação” (RBC 116). O OBP apresenta uma fórmula ligeiramente distinta: “N., magno gáudio commúnitas christiana te éxcipit. In cuius nómine ego signo te signo crucis; et paréntes tui (patrinúsque vel et matrína) post me eódem signo Christi Salvatóris te signábunt” (OBP 79).

⁵³ RBC Batismo de Crianças *Observações preliminares*, nº 4.

⁵⁴ FRANCISCO, op. cit., nº 43.

⁵⁵ Cf. OÑATIBIA, op. cit., p. 161-179; AUGÉ, op. cit., p. 183-184.

No século III a Tradição Apostólica testifica que quem estava prestes a receber o batismo era assinalado pelo bispo na fronte, nos ouvidos e nas narinas com o sinal-da-cruz⁵⁶. Santo Agostinho (†430) confirma ter sido marcado com o sinal-da-cruz ainda criança⁵⁷, e que o sinal de Cristo (sinal-da-cruz) de algum modo santifica os catecúmenos⁵⁸. Pseudo-Dionísio menciona o sinal-da-cruz no momento da inscrição, no início do catecumenato⁵⁹. Teodoro de Mopsuéstia coloca o sinal-da-cruz entre a renúncia a Satanás e o batismo⁶⁰. São João Crisóstomo (†407) também coloca a unção com o sinal-da-cruz na fronte logo após a renúncia a Satanás e a adesão a Cristo, antes do batismo:

*Depois destas palavras, depois da renúncia ao Diabo, depois da adesão a Cristo, como sois doravante da sua família e já não tendes mais nada de comum com o outro, o sacerdote pede imediatamente que recebas o sinal; ele mesmo traça a cruz na tua fronte*⁶¹.

Miralles⁶² informa que o sinal-da-cruz sobre a fronte da criança no início do caminho batismal encontrava-se no *Ordo romanus XI*, no *Liber Sacramentorum Gellonensis*, no Pontifical da Cúria Romano do século XIII, acrescentando o sinal sobre o peito e sobre o coração. O sinal-da-cruz sobre a fronte e o peito também estava presente no ritual de Castellani e de Bollani, e no Ritual Romano de 1614.

⁵⁶ Cf. HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica II,20. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patristicos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003. p. 235.

⁵⁷ "Ainda criança, ouvira eu falar da vida eterna que nos foi prometida pela humildade do Senhor nosso Deus, descido até à nossa soberba. Fui então marcado com o sinal da cruz e recebi o sinal da cruz..." (SANTO AGOSTINHO. Confissões I,11. In: CORDEIRO. op. cit., p. 706.

⁵⁸ Cf. SANTO AGOSTINHO. O perdão dos pecadores e o batismo das crianças II, 26,42. In: CORDEIRO. op. cit., p. 742.

⁵⁹ Cf. PSEUDO-DIONÍSIO AEROPAGITA. A hierarquia eclesíastica II, 2,2. In: CORDEIRO, op. cit., p. 1086.

⁶⁰ Cf. TEODORO DE MOPSUÉSTIA. Homilia 13,17-18. In: CORDEIRO. op. cit., p. 675.

⁶¹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. Catequese III,7. In: CORDEIRO. op. cit., p. 610.

⁶² Cf. MIRRALLES, op. cit., p. 427.

A cruz tinha sentido negativo por ser um instrumento de tortura. Entre os romanos, a crucificação era uma punição cruel⁶³ e temida, reservada aos escravos e aos não-romanos que houvessem cometido crimes como: assassinios, furto grave, traição e rebelião. A morte por crucificação não era aplicada a cidadãos romanos.

Contudo, depois da morte de Cristo na cruz, esta se tornou o símbolo por excelência de sua morte salvífica⁶⁴, sinal do cristão⁶⁵, e seu simbolismo foi enriquecido pela tradição cristã:

A tradição cristã enriqueceu prodigiosamente o simbolismo da cruz, condensando nessa a imagem da salvação e a paixão do Salvador. A cruz simboliza o Crucificado, o Cristo, o Verbo, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Ela é mais que uma figura de Jesus, ela se identifica com sua história humana, com a sua pessoa. Celebram-se festas da Cruz: a Invenção, a Exaltação da Cruz. Cantam-se hinos em sua honra: O Cruiz, spes única. Ela também tem sua história: sua madeira veio de uma árvore plantada por Seth sobre o túmulo de Adão, e espalha fragmentos depois da morte de Cristo através de todo o universo, onde multiplica os milagres. E a cruz reaparecerá entre os braços de Cristo por ocasião

⁶³ "Os braços do condenado eram inicialmente presos à parte transversal quando ela ainda estava estendida no solo; depois, o condenado era levantado, juntamente com a trave transversal, sobre a trave vertical, à qual eram presos os seus pés. Os pés eram presos à madeira com cordas ou com cravos, eventualmente em número de quatro. O criminoso era sempre amarrado com cordas em torno dos braços, das pernas e da cintura: como os cravos não podiam sustentar por si sós o peso do corpo, as cordas impediam o condenado de escorregar. A maior parte do peso do corpo era sustentada por uma espécie de apoio (lit. *sedile*), que se destacava da trave vertical e sobre o qual a vítima era colocada a cavaleiro; esse dispositivo (...) é citado por muitos escritores romanos antigos. O apoio para os pés (lt. *suppdaneum*), frequentemente representado na arte cristã, entretanto, é desconhecido por fontes da Antiguidade. A vítima não era erguida mais de meio metro do solo: os presentes podiam facilmente alcançar a boca da vítima através de uma esponja fixada na ponta de uma vara (Mt 27,48; Mc 15,36). Os romanos crucificavam os criminosos inteiramente nus (...). As vestes do crucificado eram entregues aos soldados (Mt 27,35). Uma inscrição com o nome do criminoso e a natureza do seu crime era feita sobre uma tabuinha, que o condenado levava pendurada ao pescoço até o local da execução (...). A inscrição era feita em três línguas: aramaico, o dialeto local; grego, a língua do mundo romano; latim, a língua oficial da administração romana. Na crucifixão, a vítima era deixada para morrer de fome e de sede. Se necessário, a morte era apressada quebrando-se as pernas da vítima com clavos (...). Como pena judicial, a crucifixão foi suprimida pelo primeiro imperador cristão, Constantino (306-337 d. C.)" (MCKENZIE. Cruz. op. cit., p. 203-204).

⁶⁴ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. 13ª Catequese aos iluminados, 3. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima :Gráfica Coimbra, 2003, p. 479.

⁶⁵ Cf. ALDAZÁBAL, José. *Gestos y símbolos*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2003. p. 304-3112.

do Juízo final. Não existe símbolo mais vivo. Acresce que a iconografia cristã se apoderou dela para exprimir o suplício do Messias mas também sua presença⁶⁶.

No momento do batismo, fazer o sinal-da-cruz na fronte da criança é particularmente expressivo, pois no início da vida cristã, tal assinalação indica pertença⁶⁷ e fé em Cristo Salvador⁶⁸, como afirma o Catecismo da Igreja Católica: “o sinal da cruz, no limiar da celebração, assinala a marca de Cristo naquele que vai pertencer-lhe e significa a graça da redenção que Cristo nos proporcionou por sua cruz” (CCE 1235). Tal sinal indica agregação à Igreja, ao rebanho de Cristo e ao seu exército, e também proteção, tornando o cristão invencível ao demônio⁶⁹.

A piedosa prática de fazer o sinal-da-cruz no início de alguma atividade quotidiana já é atestada por Tertuliano (†220)⁷⁰. A Tradição Apostólica confirma o uso do sinal-da-cruz nas tentações como proteção contra do Diabo:

Se fores tentado, faz piedosamente o sinal da cruz na fronte, pois este sinal da paixão, conhecido e experimentado contra o Diabo, desde que o faças com fé, não para ser visto pelos homens, mas usando-o com destreza como um escudo. O Adversário, ao ver a força que vem do coração, quando o homem interior, isto é, aquele que é animado pelo Verbo, mostra a imagem interior do Verbo formada no exterior, é posto em fuga pelo Espírito que está em ti. Foi para simbolizar isso, através do cordeiro pascal que era imolado, que Moisés aspergiu padieira e tingiu os umbrais das portas com

⁶⁶ CHEVALIER. Cruz. op. cit., p. 310.

⁶⁷ Somos cristãos, e não é necessário insistir muito convosco nisto. Como tais pertencemos a Cristo, segundo indica a própria palavra. Devemos trazer na fronte o sinal de Cristo. Nunca nos envergonharemos dele, se o trouxermos também no coração (SANTO AGOSTINHO. Tratado sobre o Evangelho de João III,2. In: CORDEIRO, op. cit., p. 784).

⁶⁸ Por sua santíssima Paixão no madeiro da cruz, mereceu-nos a justificação, ensina o Concílio de Trento, sublinhando o caráter único do sacrifício de Cristo como princípio da salvação eterna (CCE 617).

⁶⁹ Cf. DANÍELOU, Jean. *Bíblia e liturgia. A teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 79-93. Cf. NICETAS DE RAMESIANA. Catequese aos competentes, II,1. In: CORDEIRO, op. cit., p. 642-643.

⁷⁰ Cf. TERTULIANO. A coroa 3,4. In: CORDEIRO, op. cit., p. 218.

*sangue. Desse modo simbolizava ele a fé no cordeiro perfeito, fé que agora está em nós. Ao fazermos o sinal da cruz na frente e nos olhos com a mão, afugentamos aquele que procura exterminar-nos*⁷¹.

De acordo com Lactâncio, o sinal-da-cruz inspira grande terror nos demônios⁷². Nas comunidades pacomianas era comum no ofício divino fazer o sinal-da-cruz sobre a frente, sinal do batismo, no início e também no decorrer da celebração⁷³. Cirilo de Jerusalém também incentiva o uso do sinal-da-cruz como prática piedosa:

*Não nos envergonhemos de confessar o Crucificado. Façamos o sinal da cruz na frente, com os dedos, sem vergonha, e tracemos a cruz em tudo: sobre o pão que comemos, sobre o cálice que bebemos, aos sairmos de casa e ao voltarmos, ao deitar e ao levantar, ao caminhar e ao descansar. (O sinal da cruz) é uma grande proteção. É gratuita, por causa dos pobres, e fácil, por causa dos fracos. De Deus vem a graça. A cruz é o sinal dos crentes... Não desprezes este sinal*⁷⁴.

Concluindo, podemos dizer ainda que o sinal-da-cruz marca o início de uma vida segundo a cruz; vida que deverá desenvolver-se constante e progressivamente, adequando-se cada vez mais à vida de Cristo⁷⁵, que é uma vida pascal. Para se tornar discípulo de Cristo será necessário renunciar a si mesmo e tomar a cruz cada dia (cf. Mt 16,21; Lc 9,23). A partir do batismo “a cruz” acompanhará o cristão sempre:

⁷¹ HIPÓLITO DE ROMA. Tradição apostólica III, 42. In: CORDEIRO, op. cit., p. 241.

⁷² Cf. LACTÂNCIO. Instituições divinas IV, 27,1-2. In: CORDEIRO, op. cit., p. 327-328.

⁷³ Cf. COMUNIDADES PACOMIANAS. Ofício divino. In: CORDEIRO, op. cit., p. 365-366.

⁷⁴ CIRILO DE JERUSALÉM. 13ª catequese aos iluminados, 36. In: CORDEIRO, op. cit., p. 479.

⁷⁵ Foste marcado com o sinal da cruz de Cristo com o sinal da sua Paixão. Recebeste o sinal para te assemelhares a Ele, para ressuscitares à sua imagem, para viveres à maneira d'aquela que morreu para o pecado e vive para Deus (SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO. Os sacramentos VI,7. In: CORDEIRO, op. cit., p. 527); O sinal da cruz significa a renúncia a todo o desejo carnal e indica uma vida entregue à imitação de Deus, firmemente orientada para a vida divina de Jesus, o Verbo encarnado (PSEUDO-DIONÍSIO AEROPAGITA. A hierarquia eclesiástica V, 3,4. In: CORDEIRO, op. cit., p. 1095).

o cristão começa seu dia, suas orações e suas ações com o sinal da cruz `em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém'. O batizado dedica a jornada à glória de Deus e invoca a graça do Salvador, que lhe possibilita agir no Espírito como filho do Pai. O sinal da cruz nos fortifica nas tentações e nas dificuldades (CCE 2157).

O cristão desde o batismo, mas durante toda sua vida, deverá associar-se ao sacrifício redentor de Cristo, à cruz, donde vem o batismo⁷⁶, como bem expressa o Catecismo da Igreja Católica:

A cruz é o único sacrifício de Cristo, único mediador entre Deus e os homens. No entanto, pelo fato de que, em sua Pessoa divina encarnada, de certo modo uniu a si todos os homens, ele oferece a todos os homens, do modo como Deus conhece, a possibilidade de serem associados ao mistério pascal. Chama seus discípulos a tomar a sua cruz e a segui-lo, pois sofreu por nós, deixou-nos um exemplo, a fim de que sigamos seus passos. Quer associar a seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são seus primeiros beneficiários (CCE 618).

6. PROCISSÃO DE ENTRADA

Os ritos de acolhida terminam com a procissão de entrada⁷⁷ e o convite à liturgia da palavra. O RBC (117) diz que a procissão deve ser acompanhada de um canto, mas não faz nenhuma sugestão. No entanto, sugere que se faça a entrada com o círio pascal. Já o OBP (80) sugere como canto processional o Sl 84,7.8.9ab: "Quando passam pelo vale da aridez, | o transformam numa fonte borbulhante, pois a chuva o vestirá com suas bênçãos. | Caminharão com um ardor sempre crescente | e hão de ver o Deus dos deuses em Sião. | Deus do universo, escutai minha oração!".

⁷⁶ Vê onde deves ser batizado, de onde vem o batismo, senão da cruz de Cristo, da morte de Cristo (SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO. *Sobre os sacramentos* 2, 2,6. São Paulo: Paulus, 1996. p. 40). Todos os que são batizados, enxertados nesse por morte semelhante à de Cristo, juntamente com ele sepultados na morte, são convivificados e conressuscitados com ele. O batismo recorda e realiza o mistério pascal, uma vez que por ele as pessoas passam da morte do pecado para a vida (RBC Iniciação cristã *Observações preliminares*, nº 6).

⁷⁷ Cf. ALDAZÁBAL, op. cit., p. 177-187.

São versículos de um canto de peregrinação ao Templo, fonte de felicidade e graça. Miralles⁷⁸ comenta que talvez este salmo tenha sido escolhido por sua referência à fonte. E segue argumentando que a liturgia batismal se manifesta como uma passagem de uma situação desértica, árida, à fonte das bênçãos divinas. É um caminho progressivo (sempre crescente). O texto latino diz que é um percurso virtuoso (de virtute in virtutem [OBP 80]) que conduz ao encontro de Deus (hão de ver o Deus...). E Deus é invocado (Deus do universo, escutai minha oração) justamente por ser quem guia o peregrino e leva a bom termo sua viagem.

7. À GUIA DE CONCLUSÃO

Podemos afirmar que os elementos que compõem o rito de acolhida da criança a ser batizada evidenciam o significado e a graça do sacramento do batismo, a saber: gratuidade da graça da salvação; iniciação à vida da Igreja, comunidade de fé, esperança e amor; passagem de uma condição à outra, de um *status* a outro, tornando-se discípulo de Cristo e, principalmente, preparação para a participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo.

Os compromissos assumidos pelos genitores quanto à educação cristã da criança destacam a importância da instrução, que não pode ser simples doutrinação. Os pais são os primeiros responsáveis pelo desenvolvimento constante e progressivo da graça batismal. O batismo é a fonte da nova vida em Cristo e desta fonte brotará tudo o que é próprio da vida cristã. Também os padrinhos deverão estar prontos a ajudar a criança em sua caminhada na vida cristã.

Consequentemente, não se pode de modo algum subestimar, muito menos negligenciar os ritos de acolhida na celebração do batismo de crianças. Sua correta realização prepara o rito essencial do batismo e também ilumina o futuro da criança na comunidade dos seguidores de Jesus. Além da fidelidade e obediência ao que dispõe do livro litúrgico, a celebração do

⁷⁸ Cf. MIRRALLES, op. cit., p. 428.

batismo merece uma catequese mistagógica que inicie os participantes da celebração, sobretudo pais e padrinhos, nas riquezas que o batismo significa e realiza no batizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDAZÁBAL, José. *Gestos y símbolos*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2003.

AUGÉ, Matias. *L'iniziazione cristiana: battesimo e confermazione*. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 2010.

BEIDER, Wener. βαπτίζω. In: BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard (Eds.). *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2001. col. 573-585.

BENTO XVI, papa. *Carta apostólica sobre a forma de motu próprio Porta Fidei*. Roma, 2011. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html>.

_____, papa. *Carta encíclica Spe Salvi sobre a esperança cristã*. Roma: Libreria Editrice Vatican, 2007 (10). Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html>.

BRIÈRE, Jena. Porta. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.). *Vocabulário de teologia bíblica*. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. col. 793-795.

BUGNINI, Annibale. *La riforma liturgica (1948-1975)*. Nuova edizione riveduta e arricchita di note e di supplementi per una lettura analitica. Roma: C.L.V. – Edizioni Liturgiche, 1997.

CHEVALIER, Jean. et al. Cruz. In: _____. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 309-317.

_____, Jean. et al. Porta. In: _____. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p.734-738.

CIRILO DE JERUSALÉM. 13ª Catequese aos iluminados. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

CIRILO DE JERUSALÉM. Catequese preliminar. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

CLEMENTE V. *Concílio de Vienne*. In: DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas e Edições Loyola, 2007. p. 308-312.

CLEMENTE VI. *Carta Super quibusdam a Mekhitahar Katholikós dos armênios*, 29 set. 1351. In: DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas e Edições Loyola, 2007. p. 330-334.

COMUNIDADES PACOMIANAS. Ofício divino. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

CONCÍLIO VATICANO, 2., 1962-1965. Constituição dogmática *lumen gentium*. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 37-117.

_____, 1962-1965. Constituição pastoral *gaudium et spes*. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 141-256.

_____, 1962-1965. Constituição *sacrosanctum concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: _____. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 30. ed. Petrópolis : Vozes, 1968. p. 257-306.

DANIÉLOU, Jean. *Bíblia e liturgia. A teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013.

DUPONT, Jaques. Nome. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (dir.). *Vocabulário de teologia bíblica*. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. col. 649-653.

EUGÊNIO IV. *Bula sobre a união com os armênios Exsultate Deo*, de 22 nov. 1439. In: DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas e Edições Loyola, 2007. p. 360-366.

FRANCISCO, papa. *Carta encíclica lumen fidei sobre a fé*, nº 43. São Paulo: Paulinas, 2013.

HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

HORTAL, Jesús. *Os sacramentos da Igreja na sua dimensão canônico-pastoral*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2013.

INOCÊNCIO III. *IV Concílio do Latrão, 11-30 nov. 1215*. In: DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas e Edições Loyola, 2007. p. 283-291.

LACTÂNCIO. Instituições divinas. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

LITURGIA DAS HORAS. *Ofício divino renovado conforme o decreto do Concílio Vaticano II e promulgado pelo Papa Paulo VI*. Tradução para o Brasil da segunda edição típica. Vol. II Tempo da Quaresma, Tríduo Pascal e Tempo da Páscoa. Editora Vozes, Paulinas, Paulus e Edidora Ave-Maria: 2000.

LUKER, Manfred. Porta, pórtico. In: _____. *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 191-193.

MCKENZIE, John. Nome. In: _____. *Dicionário bíblico*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 658-660.

_____. Cruz. In: _____. *Dicionário bíblico*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 203-204.

MIRRALLES, Antonio. *Teologia litúrgica dei sacramenti 2. L'iniziazione cristiana*. Roma: Edizione digitale, 2015. Disponível em: <http://www.liturgiaetsacramenta.info/texts/tl_iniziazione.pdf>.

NICETAS DE RAMESIANA. Catequese aos competentes. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

OÑATIBIA, Ignacio. *Batismo e confirmação: sacramentos de iniciação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PAULO III. *Decreto sobre os sacramentos. Concílio de Trento 7ª sessão, 3 mar. 1547*. In: DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas e Edições Loyola, 2007. p. 415-419.

PSEUDO-DIONÍSIO AEROPAGITA. A hierarquia eclesiástica. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

RITUAL ROMANO. *Ritual de bênçãos*. 5. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *Ritual do batismo de crianças*. Tradução portuguesa para o Brasil da segunda edição típica com adaptações à índole do povo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2005.

RITUALE ROMANUM. *Ex decreto sacrosancti Œcomenici Concilii Vaticani II instauratum auctoritate Pauli PP. VI promulgatum. Ordo initiationis Christiane adutorum*. Editio Typica. Typis Polyglottis Vaticanis, 1972 (Reimpressio emendata 1974).

_____. *Ordo baptismi parvulorum*. Editio typica altera. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2003. (= OBP).

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução pastoralis actio sobre o batismo de crianças* (nº 14). Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19801020_pastoralis_actio_po.html>.

SANTO AGOSTINHO. *Lettere 98*. Disponível em: <<http://www.augustinus.it/italiano/lettere/index2.htm>>.

_____. Tratado sobre o Evangelho de João. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

_____. Confissões In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

_____. O perdão dos pecadores e o batismo das crianças. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

SANTO AMBRÓSIO DE MILÃO. Os sacramentos. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

_____. *Sobre os sacramentos 2, 2,6*. São Paulo: Paulus, 1996.

SODI, Manlio; TONIOLO, Alessandro (a cura di.). *Rituale Romanum Pauli V Pontificis Maximi jussu editum aliorumque pontificum cura recognitum atque ad normam Codicis Juris Canonici accommodatum Ssmi D. N. Pii Papæ XII auctoritate ordinatum et auctum*. Editio Typica 1952. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008. p. 18; 24-25.

TEODORO DE MOPSUÉSTIA. Homilia 12, 11.14-15. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.

TERTULIANO. A coroa. In: CORDEIRO, José de Leão (org.). *Antologia litúrgica. Texto litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Gráfica Coimbra, 2003.